

## OS CANGACEIROS NA LITERATURA BRASILEIRA

*Alexandre Alves da Silva<sup>1</sup>*  
*Alênio Carlos Noronha de Alencar<sup>2</sup>*

### RESUMO

O banditismo social é um dos fatores mais estudados recentemente entre as várias correntes historiográficas, em especial, ao ocorrido no Nordeste do Brasil no início do Século XX. Neste sentido, a literatura brasileira seguiu um caminho paralelo entre o fato histórico e o mundo fictício, dando aos personagens um toque de realidade por mesclar o ambiente natural, a pesquisa histórica e a criatividade dos autores.

**Palavras-Chave:** Banditismo Social, Literatura Brasileira, Nordeste do Brasil.

### ABSTRACT

Social banditry is one of the factors more studied recently between some historiographic chains, in special, to the north-eastern occurrence of Brazil at the beginning of 20<sup>th</sup> Century. In this direction, Brazilian literature followed a parallel way between the historical fact and the fictitious world, giving to the personages a touch of reality to mix the natural environment, the historical research and the creativity of the authors.

**Word-Key:** Social, Brazilian Literature, Northeast banditry of Brazil.

Perceber e discutir os fatores que levaram os camponeses do sertão semi-árido nordestino ao mundo do banditismo social e às suas decorrências, sem delimitar a vida particular deste ou daquele agente da violência, nem a atmosfera sangrenta ao redor duma natureza inóspita, da empresa capitalista e do colonialismo neste país, bem como, da pecuária e das pressões sócio-ambientais formam os pontos de partidas para o entendimento geral sobre o cangaceirismo.

Não há como entender a força dos oligarcas e suas relações políticas com os Estados e com o país se não for por estas mesmas pressões que lançaram homens e mulheres pobres para os guetos do litoral (comunidades carentes nos manguezais ou em favelas) ou para o crime nos sertões. No que tange ao cangaço, os coronéis talvez sejam a ligação entre o camponês e o voto ou entre a marcha do retirante com sua bagagem na mão e o cangaceiro com a mão no rifle.

---

<sup>1</sup> Especialista em Teoria e Metodologia da História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú/UVA.

<sup>2</sup> Professor Orientador. Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA.

Os grandes fazendeiros do sertão têm muitas parcelas da culpa de tantas vidas eliminadas violentamente. A ação violenta da polícia, as mulheres como vítimas em potencial ou como cangaceira, o envolvimento político neste cenário de fortes intrigas, as tristezas e as belezas do sertão no verão e no inverno, a paisagem sertaneja é retratada como forte influência neste meio, inclusive, servindo de base para a cultura popular. A resistência indígena, a fauna nativa como inimiga por ser predadora do gado, tudo incitando os homens desde jovem ao manejo com as armas. O sertão era um território sangrento.

Adotando-se a corrente da História Social e a historiografia sobre o cangaço, como fonte ou referência bibliográfica, os livros da literatura brasileira se tornaram as vias de pesquisa a ser enveredadas. Pois, propiciam-nos uma desconstrução de antigos parâmetros de análises etnocentristas e a interdisciplinaridade formando a interação ao entendimento do contexto social, espacial e temporal, como também, das singularidades e nuances do sertão. Para tanto, Buscamos nos desvencilhar de retóricas e resgatar o passado dos vencidos pelas estradas da historiografia e de suas contradições.

Uma preocupação nossa é a de ressaltar que o sertão estudado é o de quase um século atrás, portanto, uma outra realidade sertaneja bem diferente, em vários aspectos, aos dias atuais. Também, não se trata este artigo de um estudo sobre Lampião ou de um outro cangaceiro, mas, de situações comuns aos camponeses que entraram ao cangaço ou de pessoas que permearam a atmosfera da violência em suas várias modalidades (e sem fatalismos).

Alguns fatores são indispensáveis para o entendimento do tema, como por exemplo, o código moral que os cercaram, as intempéries da natureza ou as mais diversas formas de disputa territorial no sertão que se tornaram uma dificuldade a mais no caminho do povoamento sertanejo e da empresa capitalista, em época colonial.

Indo-se da criação do gado que forneceu ao homem a *civilização do couro* esboçada por tantos autores, ao desaguar do cangaço como um fenômeno do banditismo social no Nordeste, típico das caatingas e que tem seu surgimento ligado ao setor pecuário das zonas semi-áridas da mesma região onde tal banditismo se deu.

Indissociável da política coronelista, permeado por uma poderosa atmosfera de violência, sacudiu a poeira dos sertões nordestinos em tantos combates, bailes, em caminhadas e mortes.

Cangaceiros, aliás, eram muito cruéis com suas vítimas, deixando em suas memórias e nas das suas mesmas vítimas um florilégio de estupros, castrações, queimaduras, mutilações e outras formas de humilhações, diferentemente dos cangaceiros de outrora.

Mas, por que mesmo com tamanha violência eles não foram esquecidos?

Talvez porque mesmo sob o espectro da violência e sob o estigma do banditismo eles representaram a rebeldia sertaneja contra o mandonismo do coronel; talvez seja pelo fato de, no início, terem respeitado o código moral sertanejo e não terem ofendido tantas famílias; talvez seja porquê mesmo com tantos crimes eles tenham representado o grito dos excluídos daqueles tempos; talvez pela própria sedução de uma vida aventureira. Porém, há uma certeza: os cangaceiros e o cangaço não foram esquecidos por serem uma das mais profundas manifestações do povo, por serem integrados pelo povo, por terem se tornados mitos em si, por serem a continuação da obra engendradora de cultura popular em seu habitat interiorano, por isso mesmo, a essência mais legítima de nossa história, pois, está desagregado de padrões de além-mar e repleta de cores.

Precisamos considerar que o cangaço pode ser considerado um fenômeno universal pela historiografia marxista em Hobsbawm; que pode ser considerado um fenômeno brasileiro pela história social (corrente historiográfica adotada por nós); e, um fenômeno regional pela micro-história, pela história regional, e que talvez, perpassa pela história das mentalidades se optarmos pelo regionalismo.

Assim, os cangaceiros eram camponeses como muitos outros do semi-árido e se o cangaço aconteceu em épocas remotas por estas regiões do Nordeste do Brasil, pode ser que dadas às condições, ele ressurja com outros níveis e outras roupagens, mas, com a velha forma e um novo toque de banditismo social.

A literatura brasileira rende homenagens e visões variadas sobre o cangaço, diferentes autores dedicaram numerosas páginas de suas obras à temática do cangaceirismo, aqui são abordados alguns momentos importantes, tais como, por exemplo:

“Empunhou o pedaço da faca, única arma que lhe restava do terrível cangaço de outrora [...]”<sup>3</sup>.

Esse trecho acima, demonstra o fim do cangaceiro Cabeleira, a forma simples de abordar um dos apetrechos do cangaço, a faca do cangaceiro Faz de Franklin Távora um dos grandes autores. Numa visão elementar, diríamos que a faca acompanhou o menino sertanejo desde seu primeiro contato com o couro até a vida dentro do cangaço, esta ferramenta do cotidiano é referenciada por Távora de uma maneira impar.

Ainda podemos retratar aqui outro grande autor, Jorge Amado que nos aponta muitas singularidades da vida cangaceira, deixando-nos uma impressão de que o autor conhecia bem esse *modus vivendi* e que quis nos transportar através de suas linhas ao ambiente por ele retratado:

Aqui, na caatinga, habitam os cangaceiros. Os soldados da vingança, os donos do sertão. Não têm paz nem descanso, não têm quartel bivaques, não têm lar nem transporte. Sua casa é seu quartel, sua cama e sua mesa são a caatinga, para eles bem-amada. Os soldados da polícia que os perseguem não se atrevem a penetrar por entre os arbustos de espinhos, os pés de xiquexiques e coás. Ao lado das serpentes e dos lagartos, vivem os cangaceiros na caatinga, e também eles, por vezes, liquidam no tiro das suas repetições os sertanejos que descem e que sobem na contínua migração<sup>4</sup>.

Jorge Amado parece ter conhecido muito bem a realidade dos sertões. Essa maneira de retratar a companhia constante da natureza no bioma caatinga junto ao elemento e sujeito histórico cangaceiro faz de seu estilo literário quase que um relato histórico surpreendente em realidade; contrastando com o estilo do mesmo em retratar as coisas do recôncavo baiano e não dos sertões da Bahia.

Tão importante quanto o primeiro, José Lins do Rego é também um dos ícones literários do cangaço, sendo aqui apresentado no estudo de Antônio Carlos Villaça: “[...] O Nordeste, é no Brasil, uma espécie de velha Rússia, onde a alma do povo e a alma das coisas se congregam e se juntam numa concepção mística bem acima das contingências comuns”<sup>5</sup>.

---

<sup>3</sup> Távora, Franklin. O Cabeleira. Pág. 139. Coleção Os Clássicos. ABC Editora. Rio de Janeiro/São Paulo/Fortaleza, 2005.

<sup>4</sup> Amado, Jorge. Seara Vermelha. Pp. 43-44.(49ª Edição) Editora Record. Rio de Janeiro, 1999.

<sup>5</sup> Rego, José Lins do. Cangaceiros: Romance. Pág. 18. (11ª Edição) José Olympio Editora. Rio de Janeiro, 2004.

Acertadamente, Antônio Carlos Villaça no Romance Cangaceiros de José Lins do Rego nos traz uma síntese da sociedade sertaneja dos sertões nordestinos. Especialmente por dizer numa nova maneira que o antigo coronelismo imperial estava vivo nos tempos republicanos.

Um outro grande autor que aborda o cangaço, assim como, os já citados anteriormente, é o escritor Ariano Suassuna, profundo conhecedor do tema, ele é sempre bem sucedido quando apresenta-nos o toque de cangaceirismo na literatura:

Filha de branco,  
Linda e clara como a lua!  
Eu vou pegar você nua,  
Mas não é pra casar!  
É pra lascar,  
Que eu me chamo Ludugero!  
Eu nasci negro e só quero  
Moça branca pra estragar<sup>6</sup>.

Indubitavelmente, os versos acima são inspirados no cangaceiro Lucas da Feira, também negro, assim como o fictício Ludugero. Deve-se atentar a um fator sempre presente na sociedade dos tempos dos cangaceiros, o racismo. Ludugero em seus versos conota toda sua revolta num violento desabafo, onde o sofrimento causado pelas questões étnicas serão vingadas através de estupros contra as moças da oligarquia, “Filha de branco”, no dizer dele.

Em outro momento, Ariano Suassuna também nos mostra a realidade de outro cangaceiro, Jesuíno Brilhante:

Jesuíno já morreu!  
Morreu o Rei do Sertão!  
Morreu no campo da honra,  
Não entregou-se à prisão,  
Por causa de uma desfeita  
Que fizeram a seu irmão<sup>7</sup>.

Comparado a Robin Hood, Jesuíno Brilhante é de um tempo onde prevalecia o cangaço de vingança, dentro do código ético sertanejo, o vingador era bem visto pela sociedade do sertão imperial.

---

<sup>6</sup> Suassuna, Ariano. Romance D'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-E-Volta. Pp. 20-21. (2ª Edição). Livraria José Olympio. Rio de Janeiro, 1972.

<sup>7</sup> Ibidem. Pág. 55.

Mais um autor que aborda a temática do cangaceirismo é Graciliano Ramos, este parece ter sido o menos imparcial de todos os autores da literatura brasileira, vejamos então:

Tratando-se de cangaceiros, o procedimento é diverso: não podendo castigá-los, porque são fortes, os proprietários às vezes transigem com eles, coisa que nenhum poderia decentemente fazer com um ladrão de cavalos. Essas transações não são desonrosas, pois os salteadores inspiram medo, respeito, uma certa admiração que as cantigas dos violeiros cultivam. O ladrão de cavalos é o inimigo pequeno, que se pode oprimir. O cangaceiro é o inimigo poderoso, que é necessário agradecer. Paga-se-lhe, portanto, um razoável tributo e manda-se-lhe por intermediário de confiança algum aviso útil que o livre da polícia<sup>8</sup>.

Através da visão deste autor, devemos atentar que aqui ele fala de categorias de bandidos, de volantes, de coronéis e de coiteiros. Um profundo conhecedor contemporâneo como Graciliano Ramos, realmente, soube retratar em suas páginas esse fenômeno social, o cangaceirismo. Entretanto, ele enfatiza a ligação coronel/cangaceiro de uma maneira a salientar o poder do primeiro tendo como base a violência gerada pelo segundo, visto que, quem pagava ao cangaceiro geralmente eram os coronéis.

O autor continua a nos apresentar o mundo dos cangaceiros: “Essa democratização do cangaço foi provavelmente determinada pelo aumento da população numa terra demasiado pobre, que em alguns lugares chega a ter perto de cinquenta habitantes por quilômetros quadrados. A gente mal pode lá viver [...]”<sup>9</sup>.

Graciliano Ramos denota toda a atmosfera e realidade dos sertões, tudo que está intimamente ligado ao cangaço, inclusive, aos fatores sociais, a pobreza galopante que havia sido gerada devido às desigualdades sociais.

De maneira peculiar, João Guimarães Rosa descreve um personagem de seu livro Grande Sertão: Veredas, que, mesmo estando no ambiente de Minas Gerais, sem dúvida é filho do cangaço:

[...] Era um Luís Pajeú – com faca-punhal do mesmo nome, e ele sendo de sertão do mesmo nome, das comarcas de Pernambuco. Sujeito despachado, moreno bem queimado, mas, de anelados cabelos, e com uma coragem terrivelmente. Ah, mas o que faltava, lá nele que ele mais

---

<sup>8</sup> Ramos, Graciliano. *Viventes das Alagoas: quadros e costumes do Nordeste*. Pág. 125 (9ª Edição). Editora Record. Rio de Janeiro/São Paulo, 1979.

<sup>9</sup> *Ibidem*. Pp. 127-128.

não tinha, era uma orelha, – que rente cortada fora, pelo sinal. Onde era que o Luís Pajeú havia de ter deixado aquela orelha?<sup>10</sup>.

Os autores Guimarães Rosa e Graciliano Ramos evocam características, atitudes e modos dos cangaceiros e da vida no cangaço, ambos, parecem não se limitar às suas obras, eles dão seus pontos de vista ao leitor, com o peculiar estilo literário dos mesmos. Embora se diga que Graciliano Ramos nos dá a sensação de que não gostava muito dos cangaceiros, é possível notar isso ao modo como ele sempre se remete ao crime quando se remete ao cangaço, deixando de fora outras peculiaridades, daí a razão de achar ele o menos imparcial autor em relação ao cangaço na literatura brasileira.

Sertão do Pajeú, Estado de Pernambuco, território marcado por todos os elementos que envolveram e permearam o cangaceirismo, é representado à altura neste contexto por Guimarães Rosa.

Outro autor que utilizou a literatura para estudar o cangaço foi o próprio Frederico Pernambucano de Mello, em seu *Guerreiros do Sol*, ele cita Marilourdes Ferraz, autora de *O Canto da Acauã*: “[...] Daí que “rapazes das melhores famílias”. Sem motivo aparente, sumiam de seus lares e se uniram a grupos de bandidos, levado por excessiva imaginação a uma atividade em que julgavam encontrar heroísmo e fama”<sup>11</sup>.

Indo-se recorrer à historiografia pudemos verificar que tais linhas são verdadeiras, muitos jovens nos Estados onde ocorreram ataques de cangaceiros foram adentrando ao mundo do cangaceirismo, não mais dele podendo se retirar exceto no final da década de 1930 quando o governo disse que perdoaria tal prática, pura mentira.

Não se pode esquecer a obra *Memorial de Maria Moura*<sup>12</sup>, da escritora Rachel de Queiroz. Ela trouxe em sua obra alguns detalhes bem cabíveis ao cangaceirismo, vejamos então:

Se eu chegar na frente da casa, a descoberto, podem me receber com fuzilaria, pensando que sou um atacante. Se fico quieto, eles acabam me achando e me levam vivo. Vão querer descobrir o que eu vim fazer por aqui.<sup>13</sup>

---

<sup>10</sup> Rosa, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Pág. 142. 33ª impressão. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1988.

<sup>11</sup> Marilourdes Ferraz. *O Canto da Acauã*. Pág. 92 Apud Mello. Op. Cit. 117.

<sup>12</sup> Queiroz. Rachel. *Memorial de Maria Moura*. 18ª Edição. José Olympio Editora. Rio de Janeiro, 2006.

<sup>13</sup> Queiroz. Op. Cit. Pág. 11.

Esse trecho nos leva a crer se tratar de uma emboscada, tática muito comum ao ambiente do cangaceirismo. A preocupação do personagem fica evidenciada em seu cuidado de não se deixar ser percebido por seus inimigos.

Da mesma forma, a autora citada, evidencia um detalhamento importante na questão de logística dos homens armados do sertão, o modo como tratavam suas armas de fogo, aliás, este fator era uma constante em quase todos os agentes históricos dos tempos do cangaceirismo:

- José tem um bacamarte, que foi da tropa, já sem préstimo [...] Aí o José levou a arma pro ferreiro velho, que remontou umas peças mais gastas, trocou outras e fez um ferriço novo para a pederneira. Fez obra tão importante que, hoje, quem não sabe da idade do bicho, pensa até que é novo, saído da loja... Aquele ferreiro velho faz milagre com qualquer coisa. Basta ser de ferro.<sup>14</sup>

Questões dessa natureza quando levadas ao estilo literário de Rachel de Queiroz, parecem ganhar ares poéticos, a própria maneira de se escrever ao modo antigo parece nos transportar para a oficina do velho ferreiro.

A autora nos mostra em sua obra que sabia muito da vida sertaneja, em mais um momento, ela recria em palavras uma cena que bem poderia ter realmente acontecido:

Botei a tiracolo o saco da munição; tinha ali o chumbo, e o polvorim grande de chifre, as pedras de isca e o artifício de fazer fogo. Tudo herança de Pai. Peguei também a faca que era dele, uma Pajeú linda, com cabo de rodela de osso e prata, na sua bainha bordada. Apertei bem as correias que atavam o papo-de-ema, me benzi, senti os olhos ardendo, aquele aperto horrível no coração. Fui até o quarto, beijei o lugar onde ficava a santinha de mãe. Abri os braços, abracei e beijei as paredes da minha casa, me despedindo para sempre. Determinei aos rapazes que, assim que o fogo pegasse mesmo, fazendo labareda alta, eles aproveitassem o susto dos cabras do cerco e, fugissem também, pelo mesmo caminho nosso.<sup>15</sup>

Elementos próprios para a sobrevivência na caatinga, o cuidado com os detalhes do armamento, o suspense e a religiosidade e a introdução ao mundo da violência é de forma exuberante retratada pela autora, fatos, aliás, que no mundo real trariam muita tristeza, nas penas de Rachel de Queiroz se tornaram de grande beleza em estilo literário.

Da mesma forma, podemos ver outro momento que nos deixa a sensação de ter sido inspirado na realidade: “Num pedaço de papel amarelado, Duarte tinha escrito com

---

<sup>14</sup> Ibidem. Pág. 44.

<sup>15</sup> Ibidem. Pág. 68.

letra miúda desigual. QUEM FAZ TRAIÇÃO PAGA”<sup>16</sup>. Há ainda alguns outros pequenos trechos na obra que chamam atenção pela sua forma, quase que verídica, de se identificar com o cangaceirismo: “Impossível. Loucura. Os homens vêm a bem dizer num bando, com escolta poderosa de capanga, tudo até os dentes”<sup>17</sup>. E ainda, a autora nos chama atenção a mais um fator, a obtenção de armas: [...] Arma de fogo não se compra em mão de mascate nem em barraca de feira”<sup>18</sup>.

Dessa forma, as sutilezas do cangaceirismo são retratadas nas páginas da autora como elementos ricos em detalhes, emoções e com um forte tom de realidade que nos levam na imaginação aos tempos dos grandes cangaceiros do sertão.

Todos os fatores da literatura brasileira abordam o cangaço e o mito em torno do cangaço, então, como separar o cangaço do mito do cangaço? Talvez essa separação esteja na forma de interpretação dada por cada pesquisador ou pessoa ao cangaceirismo, bem como, na maneira metodológica-científica adotada ao tema, seja como for, ambos, banditismo social no semi-árido e o mito em torno do mesmo são de fundamental importância para o entendimento da sociedade sertaneja e da história do sertão nordestino. Assim, unir o cangaço ao mito em torno dele, parece ser mais propício a este artigo do que, uma eventual separação, visto que, ambos se complementam na História e perpetuam a imagem do cangaceiro como importante personagem no cenário histórico nacional.

Da mesma forma, literatura de cordel e literatura brasileira se misturam e se unem não deixando a beleza artística morrer, tanto que, em alguns momentos, alguns versos entram para o chamado domínio público, isto é, criadas no anonimato e caídas no gosto popular, tal como, os versos abaixo, citados por Gustavo Barroso, sobre a vida do cangaceiro Antônio Silvino:

Esses cangaceiros grandes,  
Que existem no sertão,  
Em qualquer parte que me vêm  
Falam de chapéu na mão.  
E se precisam me falar,  
Perguntam antes de chegar  
- Dá licença, Capitão<sup>19</sup>.

---

<sup>16</sup> Ibidem. Pág. 470.

<sup>17</sup> Ibidem. Pág. 484.

<sup>18</sup> Ibidem. Pág. 485.

<sup>19</sup> Barroso. Op. Cit. Pág. 139.

Nestes versos contemporâneos de Antônio Silvino, o tigre dos sertões, assim chamado pelo poeta Ascenço Ferreira, podemos ver o que se traduz no estilo de “pabulagem” do cangaceiro. Há também a chamada “pabulagem” das volantes, na verdade se trata de um canto guerreiro:

A volante foi pra caatinga  
Soltando laço de fita  
De Zé Sereno eu quero Cila  
De Lampião Maria Bonita<sup>20</sup>.

Aqui acima, fica evidenciada mais uma das formas aparentemente íntimas entre as forças públicas conhecidas como volantes e os cangaceiros, até na hora da pilhéria eram idênticos.

Obviamente que em se tratando de literatura brasileira, fontes como o cordel, os versos dos repentistas, as rezas dos beatos e muitos outros elementos serviram de base para muitos autores.

Ariano Suassuna, Rachel de Queiroz e Guimarães Rosa, entre tantos outros, foram autores que não deixaram de se valer da cultura popular. Pois, o cangaceirismo tem em muitas de suas implicações e raízes os elementos surgidos em meio ao povo genuinamente brasileiro.

Não se pode deixar de levar em consideração detalhes importantes, como por exemplo, o Catolicismo popular que permeia o cangaço e nem o candoblé e alguns ritos indígenas que formaram a religiosidade nos sertões nordestinos.

O Nordeste é miscigenado, e isso proporcionou grande acervo cultural, grandes manifestações folclóricas e tradições que fundaram o código ético sertanejo baseado sem dúvida em questões de honra, machismo e patriarcalismo, bem como, de compadrio e de fortes intrigas em questões territoriais.

Em meio a tudo isso, o povo... O cangaceiro.

A paisagem interiorana quase deserta daquele sertão de antigamente fez da trajetória da colonização do mesmo, em longa e sangrenta saga dos homens sequiosos de

---

<sup>20</sup> Araújo, Antônio Amaury Corrêa de. Assim Morreu Lampião. Pág. 35. Editora Brasília/Rio. Rio de Janeiro/ Brasília, 1976.

suas tradições remanescentes de além-mar em plena caatinga, uma real aventura firmada num código de honra.

Código este estruturado nas famílias patriarcais da sociedade rural do semi-árido, legitimado e intensificado em nome da lei ausente no sertão. Tal lei cedeu lugar às arbitrariedades dos poderosos em relação aos humildes camponeses do semi-árido.

Anti-herói, herói, bandido ou força de reação, o cangaceiro mediante sua autodefesa e seus crimes será transformado pela memória coletiva em um misto de justificação, resistência, ousadia, temor e coragem, nunca antes experimentados em tamanha intensidade no habitat sertanejo.

Do status do coronel, do bruto trato policial, do latifúndio e da politicagem, da mentalidade bacharelesca, da fé e da fortuna, aos mesmos resultava uma forte reação: olho na mira, dedo no gatilho e defunto caído ao chão.

Violência na hostilidade da natureza, na atitude de resistência dos indígenas, nas ameaças dos predadores ao gado; no manejo do gado e seus subprodutos, em especial, o couro que, apologeticamente, deu-nos uma civilização de cavaleiros encourados; a agressão do homem para com sua companheira; a bruteza do metal rasgando a carne de bichos ou de homens; a tristeza de se ver um Jesus flagelado na cruz ou no flagelo de tantos naquelas secas; ninguém estava imune ao clima tenso da violência.

Sertanejo, gente de fé num sertão miscigenado, ao menos, nas camadas mais pobres. Brasileiros que uniam a fé na cruz dos brancos e no corpo fechado por mandingas de negros ou pajelanças indígenas. Povo que muitas vezes viu o diabo nos trajés das volantes ou dos cangaceiros, que teve de tomar partido entre um e outro, sendo forçadamente vetada a sua imparcialidade perante ambos ou ainda perante um ou outro coronel.

Sertão semi-árido, lugar intolerante para qualquer prisma ou tipo de traição, onde a honra valia mais, viu muitos de suas filhas ou filhos serem destruídos por males frutos da traição, nem Silvino, Lampião ou Corisco escaparam dela.

Nas capitais litorâneas ecoavam suas lutas epopéicas, revistas, rádios, jornais... Desde o Império, a subsistência no sertão mais ensolarado do Brasil forjou “Almas de Lama e de Aço” no dizer de Gustavo Barroso.

O cangaço foi um fenômeno do banditismo social no Nordeste, típico das caatingas e que tem seu surgimento ligado ao setor pecuário das zonas semi-áridas da mesma região onde tal banditismo se deu.

Indissociável da política coronelista, permeado por uma poderosa atmosfera de violência, sacudiu a poeira dos sertões nordestinos em tantos combates, bailes, em caminhadas e mortes.

Sob o calor do sol a pino e na lida da enxada, o brasileiro camponês dessas tórridas plagas, secas paragens e espinhosas e rachadas paisagens, buscou sobreviver dignamente, contudo, a cobiça não permitiu um clima de justiça social, pelo contrário, a ganância por parte dos mais ricos engendrou a base de uma relação entre coronel e o camponês pobre calcado na violência daquele para com este, salvo nos casos de compadrio que, aliás, era uma forma de violência disfarçada em submissão que tolhia a liberdade dos mais pobres, inclusive, nas eleições.

Em evidência estavam o progresso econômico e a nova infra-estrutura, era a civilização que chegava, porém, igualdade não se via. Os oligarcas iam estudar em grandes centros, mas, não alteravam a realidade espoliativa dos grandes homens em relação aos pequenos; o sertão seguia quase estático em sua ordem social e imutável em muitos de seus costumes.

Sertão de fome, feiras e estações de trens; telégrafos e telefones; de vidas que rastejam, andam, correm, voam ou nadam; vidas que devoram ou são devoradas; dos retirantes, de prostíbulos a beira da estrada, de brigas de famílias e contos de Réis; credos, igrejas, beatos e missionários; viajantes. Semi-árido, cenário do sol avermelhado e do chão rachado, onde tanto sangue fora derramado; neste mundo sertanejo retratado por muitos, como sendo, ósseo, magruço, espinescido, cálido e seu paradoxal inverno; em meio a tudo, eis que brota a cultura popular!

E paralelo à cultura popular está a literatura brasileira!

Todo esse conjunto de fatores será primordial para se elaborarem contos com alto rigor de beleza, dramaticidade, criatividade e personagens que permeiam todos os costumes e tradições sertanejas. Indo-se desde o menino de recados ao velho armeiro, do próprio cangaceiro aos cabarés e choupanas, dos versos e das violas, da luta de Deus com o Diabo, da moça recatada e rica aos retirantes mais esfomeados.

A literatura tem uma liberdade de criação muito grande, seja para forjar momentos que beiram a realidade ou momentos só possíveis na imaginação do leitor, no caso especial da literatura brasileira, nosso modo de escrever já começa diferente por ser diferente o modo como escrevemos em relação aos dos lusitanos. Nossos estilos e nossos autores apresentam uma característica comum a todos eles: a preocupação em retratar o homem e a terra.

Dizem que regionalismo é quando a terra suplanta o homem num livro, mas, no caso do cangaço, tem-se visto que não é necessariamente desta maneira. O que acontece é um paralelismo entre o homem e o ambiente semi-árido formando uma dupla que se mesclam, indicando num as características do outro, em outras palavras, o sertão é duro de se viver e difícil de se morrer assim são os homens do cangaço na literatura, têm vidas duras e são levados a constantes desafios de vida ou morte.

Em muitos momentos essa marca literária do cangaço foi sendo confundida com o regionalismo por se tratar sempre da Região Nordeste, palco do cangaceirismo. Mas, não há como ser diferente, visto que foi nesta região onde quase tudo em torno do cangaço aconteceu.

O cancionero popular, o cinema, as imagens das fotos, as recordações contadas por gerações e os mitos são apenas alguns dos elementos que inspiraram muitos autores. Já outros, a exemplo de Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz, parecem ter tido um contato ao menos com o código ético sertanejo, pois, os detalhamentos dados por eles em suas obras são de riquíssimos entrelaçamentos com a realidade, tanto que, parecem nos levar ao mundo descrito em suas páginas.

Ao lermos Guimarães Rosa, ficamos impressionados ao pensar como um autor tão distante do cenário das caatingas pôde trazer em riqueza de detalhes um personagem tão bem interado com o cangaceirismo como Luís Pajeú. Certo é que boa parte dos sertões mineiros teve a presença de boiadeiros e vaqueiros nordestinos, mas, dá um toque de realismo convincente ao personagem é que não se faz tarefa das mais fáceis.

Ariano Suassuna criou o seu Ludugero baseando-se no cangaceiro Lucas da Feira. Sempre apontado como um dos criadores do Movimento Armorial de Literatura do Recife. O citado autor muitas vezes fora criticado por trazer ao sertão de tantas fomes, personagens quase que medievais e pertencentes à nobreza, mas, com o Ludugero foi bem

diferente, ele dá as características de seu personagem se baseando numa pessoa que marcou a História de Feira de Santana na Bahia, o citado cangaceiro.

Com os demais autores abordados aqui, a preocupação em trazer o elemento fictício ao mundo da realidade, faz-nos muito parecer com o papel da História Social que busca trazer a história dos vencidos, a fala deles e suas diferentes maneiras de ver o fato histórico.

A literatura brasileira e a História, e vice-versa. Sempre se enriqueceram na medida em que se complementam e são misturadas, formam pontos congruentes e, às vezes, concêntricos que dão, simultaneamente, novos elementos de pesquisa para ambas, assim, aumentam-se as possibilidades de enriquecimento literário e historiográfico, bem como, abre-se o leque para novos temas em torno do cangaceirismo.

Igualmente, quando uma serve de ponto de partida para a outra.

Temos a seguir uma tabela criada pelo especialista em Teoria e Metodologia da História, pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, Alexandre Alves da Silva que poderia dá subsídios para qualquer escritor ou historiador que quisessem fazer um romance histórico sobre o cangaceirismo:

#### **Lampião Antes do Cangaço**

Nome	Virgulino (Virgolino) Ferreira da Silva (07/07/1898 – 28/07/1938).
Pai	José Ferreira da Silva – Almocreve
Mãe	Maria Lopes
Apelido	Recebeu este apelido por seu rifle à noite fazer um efeito aceso, após disparado, luminoso igual ao brilho de um lampião, daí o apelido de Lampião.
Criação	Por sua mãe e por sua avó D. Jacosa – A mulher rendeira.
Estatura	Acima de 1,80m(dado impreciso)
Irmãos	Antônio, Livino, Virtuosa, João, Angélica, Maria (mocinha), Ezequiel, Anália.
Religião	Católica Apostólica Romana(foi crismado)
Educação	ABC e tabuada, referia-se a um de seus professores – Nenéu – “Meu Mestre”. Gostava de ler as biografias de Napoleão, Carlos Magno e os Contos dos Doze Pares de França, além disso, a vida de Cristo.
Lazer	Viola, sanfona de oito baixos, poesia popular, dançarino muito bom.
Trabalho	Transportar água nos ombros; cuidou de chiqueiros e criações de animais; cultivou roçados; cuidou do gado. Trabalhou nas feiras do Pajeú; foi almocreve.
Amores	Santina e Maria Bonita
Sexo	A “primeira vez” foi aos 14 anos com uma prostituta de nome Penha.
Eleitor	Votou em 1915, 1916 e 1919.

**Fonte:** Silva. Alexandre Alves da. Brasil Cangaceiro! Brasileiros no Sereno de Balas: (1920-1940). Pág. 72. Monografia apresentada à Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, 2008.

Temos aí elementos que dariam suporte à criação de um Virgolino bem diferente da imagem lampiônica que estamos acostumados a ver em filmes ou mesmo em literatura brasileira.

Reparem que o jovem está bem relacionado com a sociedade da época, bem como, apresenta um bom grau de sociabilidade.

Eis uma maneira de como a História pode ajudar a criação literária, a literatura brasileira é um campo onde o real e o maravilhoso se encontram em nossa gente.

## **FONTES**

ARAÚJO, Antônio Amaury Corrêa de. Assim Morreu Lampião. Editora Brasília/Rio. Rio de Janeiro/ Brasília, 1976.

CASTELLO. José Aderaldo. A Literatura Brasileira: Origens e Unidade. 1ª Edição e 1ª Reimpressão. Vol. I; Edusp. São Paulo, 2004.

MELLO, Frederico Pernambucano de. Guerreiros do Sol: Violência e Banditismo no Nordeste do Brasil. A Girafa Editora. São Paulo, 2004.

SILVA. Alexandre Alves da. Brasil Cangaceiro! Brasileiros no Sereno de Balas: (1920-1940). Monografia apresentada à Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Teoria e Metodologia da História. Orientador: Prof. Ms. Alênio Carlos Noronha de Alencar. Sobral, 2008.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AMADO, Jorge. Seara Vermelha (Romance)49ª Edição. Editora Record. Rio de Janeiro, 1999.

CUNHA, Euclides da. Os Sertões: Campanha de Canudos. Série Bom Livro. Editora Ática. 2ª Edição e 6ª Reimpressão. São Paulo, 2004.

QUEIROZ. Rachel. Memorial de Maria Moura. 18ª Edição. José Olympio Editora. Rio de Janeiro, 2006.

RAMOS, Graciliano. Viventes das Alagoas: quadros e costumes do Nordeste. 9ª Edição. Editora Record. Rio de Janeiro/São Paulo, 1979.

ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. 33ª Impressão. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1988.

REGO, José Lins do. Cangaceiros: Romance. 11ª Edição. José Olympio Editora. Rio de Janeiro, 2004.

SUASSUNA, Ariano. Romance D'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-E-Volta. 2ª Edição. Livraria José Olympio. Rio de Janeiro, 1972.

TÁVORA, Franklin. O Cabeleira. Coleção Os Clássicos. ABC Editora. Rio-São Paulo-Fortaleza, 2005.